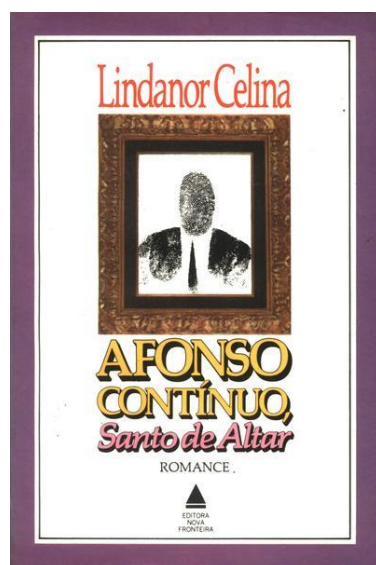


REVISTA SENTIDOS DA CULTURA



Afonso Contínuo, Santo de Altar¹

Este é o quarto romance de Lindanor Celina, escritora paraense radicada em Paris. Desde Menina que vem de Itaiara (1963), Estradas do tempo-foi (1971) e Breve sempre (1973) – o segundo com o Prêmio Especial Walmap; o terceiro com Primeira Menção Honrosa do Prêmio Nacional Walmap – a autora vem se afirmando como uma das vozes mais fascinantes da Amazônia.

O estilo de Lindanor Celina, como bem havia notado a crítica (Dalcídio Jurandir, Rolmes Barbosa), se distingue pela fluência e a vivacidade. Seguindo agora, em Afonso Contínuo, Santo de Altar, o fluxo da consciência (o “cavalo desembestado do pensamento”), em que tempo, espaço, situações, se desagregam e recompõem ao sabor de associações que seguem a “lógica” da memória, seu texto flui naturalmente, sem divisão de capítulos, disposto em parágrafos começados por minúsculas, num ritmo rápido, vivo, ofegante mesmo às vezes.

¹ **Afonso Contínuo, Santo de Altar.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

A linguagem forte, não raro crua, tecida e colorida por estruturas, termos e expressões da língua da Amazônia, exprime a maneira de pensar e de sentir de um homem simples, do povo daquela região.

Contudo, Lindanor Celina foge às armadilhas do regionalismo. Embora o romance se passe em Belém do Pará, e o essencial da ação transcorra no Tribunal de Justiça dessa cidade, isto é apenas uma “amostra do mundo”.

Ademais, o romance não narra somente o que se passa por detrás da fachada de respeitabilidade da Lei, pondo a nu os “podres” do presidente do Tribunal (o “Consciência”, corrupto e devasso), dos outros “enlutados” de toga e beca e dos funcionários que servem no templo-covil da Justiça. O que poderia morrer numa pequena poça de lama abrange o próprio drama da consciência humana, dilacerada entre o bem e o mal.

Mas a consciência vigil do Tribunal não é “Consciência”, seu presidente, mas Afonso Romano dos Santos Reis, o contínuo. E é por seus olhos que vemos o “avesso” dos homens e do mundo.

À luz de uma fé ingênua e profunda, embora parasitada por elementos de religiosidade discutíveis e até superstições, Afonso, o contínuo, luta com o Anjo (como Jacó), tentando compreender o que faz bons e maus os homens, numa obstinada procura de coerência entre o santo-de-altar, por quem o tomam e ele desejaria ser, e o homem fraco, porém tão humano (santo), que ele é.

E o leitor é arrastado de página em página...

BRUNO PALMA²

² Bruno Palma estudou na França de 1950 a 1956 e de 1972 a 1976. Precocemente iniciado em sua casa na leitura de clássicos da poesia, esse filho de um imigrante português radicado em São Paulo converteu-se à fé católica aos 21 anos de idade. Após exercer diversos encargos eclesiais no Brasil, retornou à França onde desenvolveu pesquisas sobre a tradução dos significados dos gestos litúrgicos em diferentes culturas. Agraciado com o Prêmio Jabuti em 1980, dedicou-se desde 1958 a traduzir a obra de Saint-John Perse.